

# Toda criança na escola?

CORREIO BRAZILIENSE

José Carlos de Azevedo

04 FEV 1998

Educação

Muitos dirão que é filigrana, que há fatos mais importantes, e é verdade; além disso, a reação de quem não é versado em peculiaridades da língua portuguesa é apenas um sinal no ouvido, indicando algum erro. Qual seria? Esperei, certo de que a McDonald's esclarecesse a questão, mas parece que não cuida mais disso, depois que inaugurou a Universidade do Hambúrguer em Alpha Ville, SP; deve estar cuidando de coisas mais interessantes que vícios de linguagem. Aliás, o Estado do Paraná criou a Universidade do Esporte, que deve oferecer doutorado em futebol e disseram-me que vão criar a Universidade do Samba, na Vila Isabel, RJ. Quero ver o que fará a ala do Comando Vermelho do Conselho Nacional de Educação, avessa à iniciativa particular, quando criarem a Universidade do Crime, na Baixada Fluminense.

“O Brasil quer toda criança na escola” é a frase escrita em todos os lugares, até naquelas imensas faixas na Esplanada dos Ministérios, onde ficam o da Educação e o da Cultura. A Embraer também avisa a quem chega à cidade: “A Embraer quer toda criança na escola” — a frase soa mal ao ouvido. Ou será que alguém está colocando uma parte das crianças nos aviões e escolas e deixando

o resto, pernas ou braços, do lado de fora? Parece quinquilharia mas, se a campanha anuncia o esforço de colocar uns dois, três milhões de crianças na escola, porque estão fora delas, a frase a ser usada, sem soar mal, deve ser “O Brasil quer todas as crianças na escola”, valendo também para a Embraer.

O problema, esclareceu-me ilustre lingüista, é que todo é pronome adjetivo indefinido e mudar o significado dependendo do substantivo a que se une. Por exemplo, em vez do Provão, exame pouco consequente e muito contemplativo a posteriori, o MEC poderia ir adiante e usar o lema “Toda escola será avaliada”, pois, nela, o toda é termo extensivo e escola é genérico. Pode analisar uma, duas, cem, mil escolas e qualquer uma das existentes, que está correta a frase. Também estava certo o teatrólogo ao dizer que “toda nudez será castigada”, ficando auto-explicativa a frase, nesta época de sexgate, lá em cima, na matriz de Pindorama. No primeiro exemplo, poderia também dizer “toda a escola será avaliada”, tratando-se de determinada escola que seria dividida em partes e cada uma delas seria analisada; poderia também dizer “todas as escolas serão analisadas”, restando assim apenas a resposta à

eterna pergunta: “Quem analisa os analisadores?”

Por isso, o MEC e a Embraer precisam dizer com clareza o que querem. Se querem toda criança na escola, ou seja, qualquer criança, basta proibirem discriminações de raça, de credo, de natureza física ou econômica e assim por diante; a tarefa é fácil e até não deve alterar nada. Mas, se quiserem colocar na escola todas as crianças que a ela não têm acesso, precisam mudar a campanha que está no Brasil inteiro e anunciar: “O Brasil quer todas as crianças na escola”. Se for isso o que querem, devem ter muito cuidado; do contrário — bem que poderia ter dito o famoso dramaturgo inglês — *the cow goes to the swamp*, a vaca vai pro brejo.

Em modestíssima avaliação, as crianças que estão fora da escola somam uns doze milhões: 2,5 milhões no 1º Grau; sete milhões no 2º e dois milhões no 3º. Ora, circulam na praça dois documentos curiosíssimos, o Plano Nacional de Educação, com 109 páginas, a ser remetido ao Congresso, não se sabe para que fim, e os Parâmetros Curriculares Nacionais, com mais de mil páginas, assuntos para outra ocasião. Ocorre que o Plano, da mais alta pedagogia, manda (pág.

60): “3. Assegurar, na esfera federal, através da legislação, a criação de um Fundo de Manutenção do Ensino Superior, equivalente a 75% dos recursos da União vinculados à educação, destinados à manutenção da rede de instituições federais. E também (pág. 63): “19. Estimular a consolidação e desenvolvimento da pós-graduação e da pesquisa das (sic) universidades, dobrando, em dez anos, o número de pesquisadores qualificados”.

Ora, o MEC diz que tem apenas 21,9% dos alunos dos cursos superiores, 363.543 alunos, e com eles gasta perto daqueles 75%, talvez uns R\$ 5 bilhões. Se quer mesmo todas as crianças na escola, só para abrigar aqueles dois milhões, vai precisar de uns R\$ 40 bilhões, mantendo o mesmo número de alunos por professor — da ordem de 8,3 — que ninguém é de ferro. É dinheiro para desentortar de vez a vida dos atuais bichanos asiáticos.

Para dirimir a dúvida, basta dizerem com clareza o que querem o MEC e a Embraer: toda criança na escola ou todas as crianças na escola? *Il y en a une différence*. Sem vivas à diferença.

■ José Carlos de Almeida Azevedo, ex-reitor da Universidade de Brasília, é PhD em Física pelo MIT